

por detrás da cortina

beth kery

Tradução de Ester Cortegano



CHÁDASCINCO

Livros com sexto sentido

TÍTULO: *Por Detrás da Cortina*

AUTORIA: *Beth Kery*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2019 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original Behind the Curtain © 2017 Beth Kery. Edição publicada por acordo com Berkley, uma chancela de Penguin Publishing Group, uma divisão de Penguin Random House, LLC

TRADUÇÃO: *Ester Cortegano*

REVISÃO: *GoodSpell*

COMPOSIÇÃO: *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 11*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *abril, 2019*

ISBN: *978-989-710-338-4*

DEPÓSITO LEGAL: *453483/19*

Chá das Cinco é uma chancela do Grupo Saída de Emergência

Taguspark, Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B,

2740-296 Porto Salvo, Portugal

TEL.: *214 583 770*



WWW.CHADASCINCO.COM



EDICOESCHADASCINCO



EDITORA.SAIDA.DE.EMERGENCIA



@CHAEDITORA

AGRADECIMENTOS

A minha profunda gratidão a Hasna, por me ter proporcionado uma tão preciosa visão da cultura marroquina. E obrigada a si, querido leitor, por me acompanhar nestas viagens românticas ao longo dos anos.

PRIMEIRA PARTE

Jimmy Rothschild, amigo de longa data de Asher, ficou a ver a empregada de mesa afastar-se com uma expressão divertida no rosto. — Esse visual devia ser o máximo em Aleppo ou no Cairo, meu amigo, mas estás a assustar aqui os nativos dos bons velhos Estados Unidos — gracejou baixinho, acenando para as costas da empregada que se afastava e depois para a cara de Asher. Asher sabia que Jimmy se referia à sua barba comprida e aspeto rude. Ou talvez tivesse franzido o sobrolho enquanto fazia o pedido à loura, mais preocupado com o encontro com os pais, na manhã seguinte, do que em ser educado e agradável na frente de uma mulher bonita.

Ou talvez toda a gente reparasse *mesmo* em como se sentia deslocado na cidade a que antigamente chamava sua.

Rudy Fattore, o outro amigo, desatou a rir.

— A rapariga não estava assustada — contrariou Jimmy com um olhar de entendido. — Estava era a pensar em como se podia atirar a ele. Com aquela barba e aquele bronzeado, o Ash tresanda a deserto e mistério. Acreditem em mim, as mulheres adoram o cheiro do perigo. E este tipo transmite aquele *cachet* de homem-mais-interessante-do-mundo. É testosterona concentrada, estou-vos a dizer. — Passou os dedos pelo queixo bem barbeado. — Posso não estar à espera de um Pulitzer nem de um emprego como novo diretor da redação do *Gazette* na Europa, mas não deixo de ser um fotojornalista premiado, pois não? Se calhar também vou tentar usar uma barba dessas.

— Acho que só ia parecer que querias compensar teres falta de cabelo na cabeça — disse Jilly. Sorriu calmamente da careta de Rudy.

— Já tentaste deixar crescer a barba na faculdade e só crescia nalgumas zonas incertas — lembrou Asher a Rudy.

— As coisas agora são diferentes — insistiu Rudy. — Já tenho mais onze anos em cima desse miúdo imberbe.

Asher sorriu, apesar do mau humor. Rudy era sempre divertido. Bem, na maior parte das vezes, pelo menos.

Deixou-se descair na cadeira sofisticada e desconfortável e estudou o luxuoso *bistro* francês de Lincoln Park. Levou um momento a perceber que estava, na verdade, a verificar se não havia nenhuma potencial ameaça entre a ruidosa e despreocupada multidão de clientes. Conteve a reação instintiva com esforço. Juntamente com muitos dos outros jornalistas ocidentais, tinha sido proibido de entrar na Síria alguns anos antes. Fora o tempo passado naquele país que lhe dera uma inquietude que parecia não ser capaz de dissipar. Era estranho estar de volta aos Estados Unidos depois de ter passado a maior parte dos últimos oito anos em várias partes do Médio Oriente.

Não mudara muita coisa no velho bairro de Lincoln Park. Até o Petit Poulet, o *bistro* francês, parecia inalterado. E, no entanto, tudo lhe parecia estranhamente cinzento e emudecido, como se fosse um sonâmbulo a percorrer um mundo de sonhos do passado que ficara congelado no tempo enquanto ele se transformara em qualquer coisa alienígena, que já não se ajustava ao ambiente. Claro que regressara várias vezes aos Estados Unidos, desde que se tornara correspondente estrangeiro, há muitos anos. Talvez fosse o facto de estar naquele restaurante seu conhecido, com os amigos de infância, que tornava as coisas especialmente surreais. Havia anos que não saía com aqueles dois ao mesmo tempo. Jimmy ainda vivia e trabalhava ali em Chicago, mas Rudy mudara-se para Los Angeles.

De facto, os três amigos não se juntavam há oito anos. Desde aqueles agradáveis dias em Crescent Bay, que tinham sido, em muitos sentidos, as últimas e fugidias horas da sua juventude.

— Vais mesmo visitar a Madeline amanhã com essa barba?

Asher obrigou a mente a expulsar as suas nostálgicas divagações perante a pergunta do amigo.

Jimmy tinha razão em questionar a sua escolha de apresentação. Jimmy Rothschild conhecia a mãe de Asher, Madeline Gaites-Granville, há quase tanto tempo como o próprio Asher. As mães de ambos sempre tinham sido amigas, frequentando os seus exclusivos círculos sociais e gabando-se ou queixando-se uma à outra dos respetivos filhos. A mãe dele provavelmente teria um ataque se visse o filho único com aquela pele morena e barba cerrada.

Talvez tivesse de se barbear antes de aparecer no temido *brunch* em Winnetka, no dia seguinte. A barba comprida e um dos eventos de

prata-e-cristal da mãe, não eram, definitivamente, compatíveis. Não gostava disso, mas qual era a novidade?

— Se aquilo que me contaste é verdade — disse a Jimmy enquanto pegava no seu copo de *Chivas* — a minha mãe vai ter mais com que se preocupar do que a minha barba.

— De que é que estás a falar? — quis saber Rudy. Quando Asher continuou num silêncio taciturno, Rudy virou-se para Jimmy. — O que se passa?

Jimmy respirou fundo, lentamente.

— Eu disse há pouco ao Asher que, segundo a minha mãe, os pais dele têm a impressão de que o filho pródigo regressou a Chicago para cumprir o seu dever filial e, *finalmente*, assumir o comando do império Gaites-Granville — respondeu Jimmy tentando aparentar descontração. Mesmo assim, os olhos escuros pareciam preocupados ao examinar Asher. Este franziu o sobrolho, procurando sem sucesso ocultar a sua omnipresente mistura de aborrecimento e culpa, sempre que os pais se tornavam assunto de conversa.

— Eu não fazia ideia de que eles julgavam que tinha voltado a Chicago para isso. Raramente tenho algum tempo de folga entre os trabalhos, e já lhes devo uma visita, depois de ter estado fora dois anos. Mais nada. Foi uma pura coincidência, o facto de estar por cá tão perto do meu aniversário — explicou Asher.

— Mas não é de espantar que o Clark e a Madeline tenham chegado a essa conclusão. Sabes que é o momento por que estão à espera há trinta anos — frisou Jimmy razoavelmente.

Asher escorregou ainda mais na desconfortável cadeira. *Claro* que a mãe e o pai tinham pensado que fora por isso que regressara a Chicago naquele outono: para reivindicar a parte principal do seu fundo fiduciário. Como podia ter sido estúpido a ponto de se atirar para dentro do vespeiro?

Se aceitasse o dinheiro, teria de seguir o plano dos pais para a sua vida, não teria? Talvez isso nunca tivesse sido dito explicitamente, mas era, decerto, a vincada impressão que eles transmitiam desde que tinha nove anos de idade.

Os pais não percebiam que Asher raramente pensara na sua herança, nos últimos dez anos. Que ele reprimia deliberadamente a ideia desse dinheiro, juntamente com todos os invisíveis fios a ele ligados. Fios? Devia dizer antes correntes de titânio. Aquelas centenas de milhões de dólares tinham-se tornado um símbolo do domínio dos pais sobre ele. Não, o que o dinheiro mais representava era a sua recusa... *não*, a sua *incapacidade* de

lhes dar o que eles queriam. O que eles *precisavam*: um adequado, refinado, *controlável* herdeiro do império Gaites-Granville.

Aquela herança, juntamente com todos os outros privilégios que os pais ofereciam, era a coroa que Asher não queria aceitar. Mas, de acordo com os seus pais, essa coroa simbólica era seu privilégio. O seu direito de nascimento.

O seu dever.

Tretas.

Fez uma careta ao ouvir a voz furiosa na sua mente. Asher fizera tudo o que quisera na sua vida, apesar da flagrante desaprovação dos pais. Publicamente, a mãe e o pai tinham transmitido o seu desacordo em cada olhar e gesto. Em privado, tinham-no ameaçado com as funestas consequências das suas opções. Quando ele permaneceu firme nos seus planos, eles retesaram as costas e franziram os lábios para conter a fúria com tão silenciosa contundência que por vezes Asher temia que se estilhaçassem num milhão de pedaços, só com a desilusão. E, ao mesmo tempo, Grant e Madeline só *esperavam* pelo dia em que Asher regressaria para cumprir o seu dever.

Agora acreditavam que esse dia tinha, por fim, chegado.

— *Pois é*, o grande dia está finalmente ao virar da esquina — exclamou Rudy, estalando os dedos ao lembrar-se. — Desde Stanford que tenho estado à espera que faças trinta anos. Quer dizer, não tens sido propriamente um pobretanas, tendo em conta que o teu avô te deixou aquele pequeno mealheiro que tem mais dinheiro do que a maior parte de nós vai ver na vida inteira. Mas isso não passa de trocos, comparado com a taluda total. E finalmente chegou: fazes trinta anos e ganhas o controlo *total* sobre o teu fundo fiduciário. *Liberdade*, meu. O que é que vais comprar primeiro? Por favor, diz-me que é um carro de corrida. E vais ter de me comprar um a mim também, para teres alguém contra quem treinar. Espera, não... um iate. Ei, podíamos planear os três uma expedição ao Monte Everest! Ou que tal uma casa de praia, como aquela que os teus pais têm em Crescent Bay? As miúdas adoram. Raios, vais dar quecas de manhã, à tarde e à noite...

— Ele não o vai aceitar. — Jimmy interrompeu bruscamente as fantasias de Rudy.

Rudy pestanejou.

— Não vai aceitar o quê? — Estudou os rostos pétreos de Jimmy e de Asher. A sua expressão de incompreensão deu lugar a uma de incredulidade. — Não vais aceitar o controlo do teu fundo fiduciário? Estás *maluco*?

— Como é que ele pode aceitar o dinheiro da Madeline e do Clark quando está a planear sair outra vez do país? Quando vai para Londres trabalhar como diretor da filial europeia do *New York Gazette*? Sabes isso — lembrou Jimmy.

Rudy pousou o seu copo com um sonoro baque. Parecia consternado. Asher estava grato a Jimmy por o apoiar. Jimmy sabia melhor do Rudy o que era viver com aquela gaiola dourada a pairar sobre si durante a maior parte da sua vida, pronta para se abater sobre ele a qualquer momento. Ainda que tivesse sido bem mais diplomático com os pais do que Asher alguma vez fora. Continuara em Chicago depois de terminar o curso de Direito e ganhara rapidamente a reputação de brilhante procurador público. Rudy e Asher eram duas das poucas pessoas no planeta com permissão para o tratar por Jimmy. A maior parte das pessoas nos seus círculos profissional e social conheciam-no como Dr. James Rothschild. Figuras de elite nos poderes locais já o tinham identificado como um promissor candidato para a Câmara de Representantes do estado. Mas, apesar de todo o sucesso na sua carreira, Jimmy conseguira, calma mas consistentemente, desafiar os desígnios dos pais para a sua vida e abrir com determinação o seu próprio caminho. Ignorara ou negara rotineiramente os pequenos cenários fantasiosos dos pais no seu círculo social a respeito de o filho ser o mais desejável ganhão de Chicago.

— Que eu saiba, o dinheiro não tem qualquer problema em viajar para o estrangeiro — insistiu Rudy acaloradamente. — Não há qualquer estipulação naquele fundo que diga que o Asher tem de viver em Chicago ou em Winnetka, se aceitar a herança.

— Há estipulações, há — replicou Asher num tom sombrio.

— Mas não legais — protestou Rudy, olhando de relance para Jimmy num pedido de ajuda. — O Clark não o pode impedir de tomar posse do que é dele legalmente, pois não, Jimmy? Não o pode *obrigar* a dirigir a GGM e tornar-se no seu clone WASP¹, pelo amor de Deus. Pega no dinheiro e foge, Ash.

— Eu não quero o dinheiro, Rudy — rosnou Asher.

— Mas, assim, o mais provável é que o deem àquele menino bonito traidor, o teu primo *Eric*. — Rudy assobiou o nome como se tivesse acabado

¹ WASP: White Anglo-Saxon Protestant, acrónimo usado normalmente de forma pejorativa para designar um grupo de americanos brancos, protestantes, maioritariamente anglo-saxónicos, que formam a elite do poder económico e social no país. (N. da T.)

de dizer um palavrão. Referia-se a Eric Gaites-Granville, que pertencia à família nova-iorquina da família. Rudy não gostou dele quando o conheceu, oito anos antes, em Crescent Bay. Mas, depois das ações de Eric nesse verão, aquela aversão metamorfoseara-se em ódio num instante. Asher não discordava da avaliação do amigo. Absolutamente nada. Detestava o primo desde o berço.

— Já deram ao Eric a posição que devias ter assumido na GGM há uns anos, quando foste para o Cairo, depois de o governo sírio mandar embora todos os jornalistas ocidentais. Os teus pais pensavam que ias voltar para Chicago depois disso, mas ficaste no Médio Oriente. Porque não haverão de lhe dar agora também o teu fundo fiduciário, se não o aceites? — desafiou Rudy.

Asher fechou os olhos e esforçou-se para ter paciência. Jimmy soltou um grunhido de enfado e mudou de posição no seu assento.

— Chega, Rudy. A decisão não é tua. Se o Ash não quer o dinheiro dos pais, a escolha é dele. Não entendes? Aquele dinheiro pode significar liberdade para ti, mas, para ele, significa o oposto.

— Mas...

— Por favor, podemos mudar de assunto? Convidei-vos para sair esta noite para me divertir um pouco antes de me encontrar com os meus pais amanhã. Não fizeste a viagem desde L.A. só para me dares um sermão, pois não? — perguntou ele a Rudy.

Este abriu a boca para protestar, mas depois reparou na expressão de Asher. Soltou um sopro. Abanou a cabeça resignadamente.

— Quem me dera ter os teus problemas, Ash.

— Eu dava-tos num segundo, se pudesse.

— Davas-me os teus pais? — perguntou Rudy maliciosamente. — Duvido que o Clark e a Madeline alguma vez me quisessem como filho substituto. Mal suportavam ter-me como o teu louco amigo italiano do East Bronx. Pensaram que os ia assaltar, na primeira vez que me viram. A minha grande lata, receber uma bolsa de estudo para Stanford e ser companheiro de quarto do seu precioso filho. Mas, tudo bem, acabei por conseguir abrir caminho para os seus coraçõezinhos de sangue-azul, depois disso.

Asher riu-se. Sim, Rudy podia ser irritante, de vez em quando, mas não havia ninguém mais verdadeiro. Não hesitara em dizer que apanharia de imediato um avião para Chicago quando Asher lhe disse que ia estar na cidade, mesmo que, nos últimos dois anos, apenas tivessem conversado por email.

A empregada regressou para lhes servir a entrada de *moules à la bière*. Desta vez, Asher reparou no seu sorriso caloroso e nos cautelosos mas fascinados olhares por debaixo das pestanas pesadamente cobertas de rímel. Tentou retribuir com algum interesse, mas falhou. Talvez tivesse perdido o talento para a sedução casual. Saíra durante três anos com Claire Moines, uma correspondente da televisão alemã em Istambul, até a relação à distância ter acabado por se extinguir. Por entre um horário de trabalho extenuante e a existência de Claire como espécie de namorada, regredira lamentavelmente nas suas capacidades de seduzir uma mulher. Rudy assumiu o comando, dando conversa à bonita empregada. O sorriso charmoso e as piadas rápidas eram, para Jimmy e Asher, velhas como tudo, mas, aparentemente, novas e apelativas para a rapariga.

— Ei, sabes o que te podia distrair do teu maldito encontro com o Clark e a Madeline de amanhã? — perguntou Rudy. Desviou a custo o olhar do rabo bamboleante da empregada que se afastava. — Yesenia.

— O que é uma Yesenia? — perguntou Asher, atacando os mexilhões que lhes tinham acabado de servir.

— Ah, pois é. A *Yesenia* — exclamou Jimmy, a sua expressão normalmente sóbria a animar-se. — A cantora. Faz espetáculos no State Room. Converteram o antigo State Theatre num clube noturno e a Yesenia é lá cabeça de cartaz.

— E o que é que ela tem de especial? — perguntou Asher.

— Supostamente, é um talento incrível, para começar. Li há pouco tempo um artigo acerca dela no *Inside Chicago*. É ela que escreve a própria música: jazz, blues, pop, R&B. E acabou de assinar um contrato para um disco com um estúdio de música independente.

— Esquece lá isso tudo. A única coisa que precisas de saber é que parece que é uma brasa mais quente do que o Hades — interrompeu Rudy. — Também li um pequeno artigo sobre ela na secção de entretenimento do *Times*. Está a começar a ser mais do que um interesse local e a chamar a atenção a nível nacional. Estou morto por ver o espetáculo dela. Vais perceber quando a vires, Asher. Ou, mais precisamente, quando *não* a vires.

Asher parou com o garfo a meio caminho da boca e lançou ao amigo um olhar meio divertido meio exausto. Rudy sorriu, malicioso.

— Pois, aí é que está o que o Jimmy não te contou...

— Pensei que a coisa mais crucial era a *música* dela — interrompeu Jimmy.

— A Yesenia canta atrás de uma cortina — continuou Rudy como se

Jimmy não tivesse dito nada. — É uma cortina translúcida, por isso dá para distinguir-lhe o corpo bom como o milho, e os movimentos dela, e tudo. Mas não se consegue ver os pormenores da cara. Parece que as músicas e letras são ultra-sensuais, mas de uma forma original, muito depurada. A imprensa até começou a chamar-lhe Sereia Velada.

— Porque é que canta atrás de uma cortina? — quis saber Asher, a pensar que toda aquela ideia lhe soava ridícula.

Rudy agitou as sobrancelhas.

— Ninguém sabe, não é? Faz parte da mística dela. Do seu fascínio. Deixa as pessoas loucas por arrancar a cortina e vê-la toda de alto a baixo, se é que me percebes. — Asher revirou os olhos. O sorriso de Rudy aumentou. — Há alguns boatos acerca da razão. Supostamente, tem algumas cicatrizes mesmo muito más. Ela não quer que ninguém lhe veja a cara. Mas... — Rudy acenou com a cabeça na direção da cadeira onde pousara o estojo da sua máquina fotográfica. Um talentoso fotógrafo *freelance* especializado em fotografias de celebridades, Rudy raramente se separava da sua principal ferramenta de trabalho. — A Sereia Velada não pode ficar escondida durante muito mais tempo, com a popularidade que está a ganhar. Que me dizem de tentarmos espreitar esta noite para trás da cortina? Ela está mesmo prestes a tornar-se famosa, pelo que tenho andado a ouvir. Provavelmente dão-me umas boas massas por uma foto dela sem a cara tapada.

— E qual é o teu plano? Mandar o Asher e eu saltarmos para o palco e arrancarmos a cortina enquanto tiras fotos? — questionou Jimmy sarcasticamente? — Temos trinta anos, Fattore, não dezoito. E não me vais fazer correr o risco de ser preso. *Outra vez.*

— De que é que te estás a queixar? O Tiger Woods nunca apresentou queixa, pois não? Não te *preocupes* com isso. Vamos só ao espetáculo da Yesenia e vemos se surge alguma oportunidade para uma foto — sugeriu Rudy com falsa descontração inocente. Reparou no olhar de dúvida de Asher. — Não vou fazer nada ilegal — garantiu. — Vá lá. Alinham?

Asher encolheu os ombros. O espetáculo da mulher poderia distraí-lo. Poderia desviar-lhe a mente do temido encontro do dia seguinte. Pelo menos, durante alguns minutos.

— Vou ao espetáculo, mas estou com o Jimmy. Não me vais meter nalgum dos teus esquemas idiotas. Ainda não te perdoei por aquele meu caso de urticária *extremamente pessoal*, quando me obrigaste a ir esconder-me contigo na floresta para tirares uma fotografia à Jennifer Lopez a sair da

casa de férias em Big Sur. Juro que ainda sinto comichão de cada vez que ouço o nome dela.

— Pelo menos tu não foste preso — balbuciou Jimmy de uma forma confrangida.

— Pois, e que culpa é que eu tenho se te lembraste de pôr o general de fora porque precisaste de ir mijar? — perguntou Rudy a Asher.

— E qual era o desfecho lógico daquele cenário? Não havia nada para *fazer* enquanto estávamos ali sentados como idiotas na floresta senão beber aquele *Jim Beam* que levaste. Estou só a dizer: Nada. De. Truques. Idiotas — repetiu Asher sucintamente.

— Não te esqueças— reforçou Jimmy num tom severo.

Asher respondeu com um sorriso afetado à expressão de cachorrinho magoado de Rudy.

Jimmy Asher tinha boas recordações do State Theatre. Quando era pequeno, o seu avô levava-o ali a assistir a várias peças e, uma vez, para fazer uma visita aos bastidores do edifício histórico. O avô era a única pessoa a quem alguma vez se sentira ligado — e até um pouco orgulhoso — na história da família Gaites-Granville. Christian Ambrose Gaites-Granville podia ter sido um dos mais astutos presidentes executivos do império GGM, mas era também um historiador amador. Asher sempre desconfiara que ele gostava e se identificava muito mais com o passatempo dos fins de semana, que era investigar e explorar a história de Chicago e a sua árvore genealógica, do que com o seu papel como impiedoso gestor da GGM. E tinham sido esses seus passatempos o elo de ligação com o único neto. Asher tinha uma adoração pelo avô. Entrar pelas portas trabalhadas do velho teatro fê-lo experimentar uma dor aguda pela sua perda.

O teatro tinha ficado vazio durante anos até, de acordo com Jimmy, um astuto empresário europeu, proprietário de clubes noturnos e agente musical, ter reaberto uma parte dele como bar. Quando entrou com os amigos no elegante espaço, Asher reconheceu os painéis e sancas Art Deco remanescentes, misturados com os acabamentos modernos. Uma espantosa e sofisticada empregada acompanhou-os a uma mesa de quatro ao fundo da sala. O espetáculo ainda não tinha começado, mas o espaço estava a ficar apinhado. Enquanto fazia o seu pedido a uma empregada, Asher examinou a multidão de aspeto endinheirado. Ao que parecia, Rudy e Jimmy não tinham exagerado na popularidade da mulher. Enquanto esperavam pelas suas bebidas, um homem com microfone apresentou Yesenia.

As notas de abertura de um evocativo número de blues ressoaram pela sala. Toda a gente se calou, expectante. Apesar da sua preocupação, Asher deu por si a embrenhar-se no espírito da multidão. As pesadas cortinas azul-índigo abriram-se.

Outra cortina foi revelada, uma translúcida cortina carmesim que estava pendurada ao centro e direita do palco escassamente iluminado. Uma banda de quatro membros estava posicionada à esquerda da cortina, os rostos dos músicos descobertos para o público. Um vento artificial soprou gentilmente contra o véu vermelho, fazendo-o ondular num movimento líquido, sinuoso. Franziu os olhos para tentar ver melhor. Seriam os contornos de uma mulher que estavam a emergir da matriz de luz e sombra, ou era a sua imaginação a pregar-lhe uma partida?

De súbito, a voz dela encheu o clube numa grave e aveludada sedução. Asher sentiu os pelos da nuca arrepiarem-se. Inclinou-se mais para a frente na sua cadeira, esforçando-se para ver para além do véu ondulante. Os arrepios na superfície da sua pele amplificaram-se, como se as suas terminações nervosas tivessem ganhado vida ao som daquela voz macia e vibrante. A vaga sombra tornou-se mais nítida, a silhueta de um corpo de mulher a mover-se ao ritmo da música.

A silhueta de um *belo* corpo de mulher.

— Eu disse-te — sussurrou Rudy orgulhosamente à sua esquerda, mas Asher estava demasiado concentrado para responder. Procurava obsessivamente por detalhes, enquanto a voz límpida e profunda ecoava na sua cabeça e palpitava nas suas veias. A letra era poética, carregada de sentimento e *muito* sensual. A música, de sonoridades blues, era única, envolvendo uma combinação de notas que nunca tinha ouvido antes. A mulher usava alguma espécie de vestido justo de um tom pálido. O tecido caía-lhe sobre o corpo quase amorosamente, acariciando-lhe cada ágil curva. Ela aproximou-se mais do véu, as ancas a balouçar graciosamente ao ritmo da música. Asher percebeu que, tal como a cortina, o vestido que ela usava era parcialmente translúcido. Através das duas finas barreiras, conseguia divisar longas pernas torneadas e o contorno da pélvis e ancas ondulantes enquanto ela se movia com o som. A invulgar agitação que ele sentia nas terminações nervosas transferiu-se para o seu sexo. Sentiu-se endurecer com espantosa rapidez.

— Jesus — soltou em surdina, um pouco desconcertado.

— Ela é incrível, não é? — sussurrou Jimmy.

— Há uma influência árabe — murmurou Asher para si mesmo no preciso momento em que chegava a essa conclusão. Claro. Yesenia era um nome árabe, não era? Era isso que tornava a sua música tão única. Entre as influências jazz, blues e R&B naquela canção, ele reconhecia os intervalos rítmicos que tantas vezes ouvira na música árabe ao longo dos seus anos

no Médio Oriente e Norte de África. Pela mesma razão, essa compreensão acrescentou mais um elemento de inquietude ao seu fascínio.

— O que foi que disseste? — sussurrou Jimmy quando a banda tocou as últimas e longas notas da balada e Yesenia se imobilizou. Asher não respondeu. Cada nervo no seu corpo vibrava. O seu pénis pulsava agudamente, como se a própria voz da mulher lhe tivesse estado a acariciar aquela carne sensível, que agora protestava contra o silêncio. Inclinou-se para a frente no seu assento, cada vez mais irritado pelo véu e o espaço que o separavam da cantora.

O que raio se passa contigo?

Depois a música começou de novo — uma canção com uma sonoridade mais pop — e a voz líquida e aveludada parecia pairar sobre Asher, agitando-lhe e acalmando-lhe os nervos ao mesmo tempo. Era, evidentemente, sexual, o que estava a experienciar naquele momento. Mas uma outra coisa acordara dentro de si com o som da voz forte e fluida e a visão do lindo corpo e das ancas ondulantes...

...Uma coisa que Asher julgara ter morrido nele, naquele verão, há oito anos.

Estavam os três espedados na viela escura à saída do State Room.

Três idiotas, pensou Asher, sombrio.

Não, apenas dois parvos estavam presentes: Jimmy e ele, por terem deixado que Rudy os convencesse a fazer aquilo. Rudy estava apenas a ser ele próprio.

O amigo conduzira-os para fora do clube depois do terceiro *encore* de Yesenia. Ela mantivera o público completamente enfeitiçado durante todo o espetáculo. Talvez Asher mais do que todos, um facto que o estava a deixar cada vez mais confuso e irritado. Por fim, deixara Rudy empurrá-lo para fora do teatro, quando se tornara evidente que Yesenia não ia regressar ao palco.

Lá fora, o cenário era digno de um filme de terror: uma noite gelada, húmida, com nevoeiro. O clube servia comida, percebeu Asher. O seu nariz enrugou-se de aversão quando inalou o cheiro de lixo a apodrecer num contentor distante.

Claro que tinha dito a Rudy que não se deixaria enrolar em nenhuma estupidez. Mas, quando a elétrica atuação de Yesenia terminara, optara por esquecer o seu protesto. Concordara em juntar-se a Rudy à saída dos

bastidores. Talvez Rudy soubesse desde o princípio que a Sereia Velada o deixaria curioso. Se assim fosse, tinha razão.

Rudy argumentara que, se nunca ninguém conseguira tirar uma foto de Yesenia a sair do teatro pelos meios tradicionais, era porque ela devia sair secretamente, noite após noite, pela porta das traseiras. E, embora, por um lado, Asher julgasse tudo aquilo um plano imbecil, alinhara com ele.

Porquê?

Porque, pelo final do espetáculo, o seu desejo de ver a cantora era ridiculamente forte e perfurante.

Mas, por outro lado, sentia-se cada vez mais desconfortável. Não apenas por se sentir estúpido, a rondar uma viela deserta, pronto para aparecer subitamente a uma mulher desprevenida. Yesenia, claramente, não queria ser vista. E, a cada segundo que passava, Asher dava por si a ficar cada vez mais inquieto.

Não queria que Rudy a fotografasse. Não queria que Jimmy — nem *ninguém* — a visse, aliás.

E ele próprio? Bem, isso era uma história completamente diferente.

De repente, a única coisa que queria era tirar os amigos daquela viela. A chuva mole que começou a cair foi a última gota.

— Ela não vai sair por aqui. Vamos embora. — O tom de Asher não convidava à discussão.

Rudy desviou a sua câmara a postos e olhou para o relógio.

— Só mais alguns minutos...

— Eu vou-me embora — interrompeu-o Jimmy secamente. — E o Asher também. Vá lá, Fattore, já é tarde e eu tenho de ir para o tribunal amanhã cedo. Nem acredito que te deixei convenceres-me a fazer isto. — Virou-se e começou a marchar para a distante rua iluminada. Rudy demorou-se um pouco mais, lançando um olhar indeciso para a porta traseira do teatro.

— Ela não vai sair por aí — declarou Asher. — Acredita em mim. Isto é um desperdício de tempo.

Rudy hesitou, mas depois cedeu. Acompanhou Asher, guardando a máquina no estojo. Parecia um pouco desiludido, mas depois animou-se, com o seu típico otimismo.

— Pelo menos, o espetáculo valeu a pena, não valeu? — perguntou a Asher quando saíram da viela.

— Sim — concedeu Asher, olhando diretamente em frente para a figura alta de Jimmy. — Isso tenho de admitir.

...

Na manhã seguinte, Asher reparou no sol que rompia as nuvens cinzentas e iluminava as silhuetas dos prédios de Chicago, enquanto regressava à cidade. A imagem penetrou o seu estado furioso, agitado. Olhou, ofuscado, o relógio no seu *tablier*. Eram apenas onze da manhã.

Não conseguira passar sequer uma hora com os pais em Winnetka antes de o inferno pegar fogo.

Uma dor aguda perfurou o seu humor volátil, fazendo-o agarrar o volante com mais força e cerrar os dentes. Asher tinha tentado ser delicado com eles. Amava os pais. Não amava? Eram a única família que possuía.

Se te preocupas assim tanto com eles, porque é que nem sequer te obrigaste a fazer a barba antes de lhes apareceres à porta? Afinal de contas, nem conseguiste fazer a mais pequena concessão pelo seu conforto, pois não?

Enganara-se a si próprio ao pensar que o encontro seria difícil e desagradável mas suportável. Meros segundos depois de se sentarem à mesa e ele declarar os seus planos, tudo explodira. Ou, mais precisamente, tendo em conta a rígida contenção WASP dos seus pais, tudo implodira.

Pela centésima vez, recordou o rosto pálido e os olhos azuis magoados e amargos do pai.

— Como é possível que, quando imagino que não podia desiludir-me mais, ainda encontre uma maneira de o fazer, Asher? — perguntara o pai, e cada palavra fora uma bala perfurante. *— Este esquema infantil que está a imaginar não vai acontecer.*

— Por que razão o facto de me ser oferecido o lugar de diretor da redação europeia do New York Gazette é infantil? — estranhou Asher, consternado pela imediata e total rejeição do pai e zangado consigo mesmo por ter sido apanhado desprevenido. *Porque continuava a acreditar que havia uma hipótese de as coisas melhorarem um dia entre si e os pais? — É um emprego altamente respeitado, cobiçado por muitos homens e mulheres com o dobro da minha idade. E o pai sabe isso muito bem.*

— Eu podia ter-lhe dado o equivalente a esse emprego, em qualquer um dos nossos jornais, há muitos anos.

— Não quero que mo deem. Quero conquistá-lo.

— O menino é um Gaites-Granville. Nasceu com os jornais e as notícias no sangue. Não precisa de conquistar nada.

— Isso é uma tretas — declarou Asher o mais calmamente possível. *A mãe sibilou repressivamente o seu nome ao ouvir a invetiva.*

O pai estava agora a ignorá-los a ambos, já a pensar nos obstáculos ao plano de Asher.

— O Grupo Mandor Media pode ser o nosso maior rival, mas...

— Nunca vou compreender como pode ter aceite um emprego oferecido por eles quando sabia perfeitamente como isso ia magoar o seu pai. Foi como se o esfaqueasse propositadamente pelas costas e o deixasse ali a sangrar enquanto se andava a passear pelo globo. Só pensa em si... até mudou o nome apenas para Gaites. O que iria pensar o seu avô do facto de ter cortado metade da história da sua família, só para ser mais fácil assinar um artigo? — questionou a mãe com a voz a tremer.

— Mãe... — começou Asher, a contrair-se com a sua escolha de palavras.

— O Dick Brannigan ainda me deve um ou dois favores — continuou implacavelmente o pai, como se Asher e a mãe não estivessem sequer presentes. O pai referia-se ao presidente da Mandor Media, a empresa mãe do New York Gazette. — Vou contactá-lo ainda hoje. Essa posição em Londres vai deixar de estar disponível. Para si, quero eu dizer. — O pai levantou-se da elaborada mesa de jantar e afastou-se alguns passos, a balbuciar em surdina o tempo todo — Que tremendo descaramento, tentar minar-me subornando o meu próprio filho para continuar a trabalhar para eles. E o menino... — Virou-se subitamente e fitou Asher, carrancudo. — Alinha em tudo isso. Não percebe que a Mandor Media e o Gazette só o querem como troféu de guerra, roubando o herdeiro do seu rival? Estão a fazer isto para me atingir, e, como de costume, dá-lhes exatamente o que eles querem.

Asher voou da cadeira ao ouvir isto, batendo com o talher sobre a mesa e sobressaltando a mãe.

— É isso mesmo, pai. Tudo gira à sua volta, não é? Não é?

— Asher, por favor, não grite — murmurou a mãe, olhando de relance na direção da cozinha, onde estava o cozinheiro e a empregada. Asher fora ensinado desde o berço que apenas as pessoas mais vulgares e grosseiras alguma vez mostravam emoção em público. Mas ele continuou, destemido.

— O Gazette só me quer porque sou seu filho, não porque me esfolei a trabalhar para relatar as verdades complicadas e as complexas realidades religiosas e socioeconómicas em regiões devastadas pela guerra, ou por ter encontrado uma forma de dizer essas verdades, apesar da pesada censura; não é porque ganhei uma Medalha Medill pela minha escrita, nem porque construí uma das melhores redes de informadores e contactos no Médio Oriente para um ocidental. Não é porque um dos meus artigos foi nomeado para um

Prémio Pulitzer. Não. Eles só me querem porque sou a merda do seu filho! — berrou ele.

O pai parecia ter acabado de levar uma punhalada, mas manteve-se no seu lugar, orgulhoso e direito. Claro.

— Se pensa que vai assumir o controlo do seu fundo fiduciário e depois partir para Londres para trabalhar para o meu rival, está lamentavelmente enganado. Esse fundo representa gerações de trabalho árduo pela parte dos Gaites-Granville. É para um homem que esteja grato por todo o sangue, suor e lágrimas derramados pelos que vieram antes. É para um homem que vai acrescentar ainda mais para as gerações futuras. Um homem, Asher. Não um fedelho mimado que só pensa em si próprio.

— Alguém como o Eric? — perguntou Asher amargamente, referindo-se ao primo.

O pai limitou-se a fixá-lo, a boca cerrada com força.

— Ainda bem que mencionou o fundo — observou Asher, com o mesmo trejeito do pai e envergando o já gasto manto da fria indiferença que muitas vezes usava na presença dos pais. Era a única forma de comunicação que eles reconheciam. E pensar que os pais costumavam reclamar que ele nunca assimilava nada do que lhe tinham ensinado. — Porque pretendia justamente dizer-vos: Eu não o quero. Nunca o quis. Fiquem com o vosso dinheiro e com todas as obrigações a ele ligadas. O Eric é a pessoa perfeita para receber o fundo. Pessoalmente, estou até espantado por ainda não o terem transferido para ele. Está no vosso direito. Quanto a mim... — Atirou com o guardanapo que estivera a apertar entre as mãos para cima da mesa. — Estou farto daquele maldito fundo e de tudo o que representa. Ainda vou estar na cidade cerca de uma semana, se alguma vez decidirem que gostariam de me ver por razões para além de discutir sobre dinheiro.

Saiu da sala, a sentir o cérebro a ferver dentro do crânio.

Infelizmente, a fúria não fora suficiente para obliterar o som dilacerante do soluço sufocado da mãe atrás de si enquanto se dirigia para a porta.

Céus, ele era horrível.

*Não, o pai é que fora um perfeito filho da mãe, ao ameaçar o emprego de Asher. Iria mesmo invocar algum favor a Brannigan, da Mandor, e fazer com que Asher fosse despedido do seu lugar no *Gazette* ainda antes de ter tempo de se apresentar para o seu primeiro dia? Era uma possibilidade, reconheceu Asher, sombrio, enquanto virava para a rampa que entrava na cidade. Conhecía e respeitava bastante Dick Brannigan, e julgava que o sentimento era mútuo. Brannigan era um individualista convicto que vinha*

de uma longa linhagem de duros repórteres das trincheiras. Uma raça em extinção.

Brannigan não se deixaria intimidar facilmente pelo seu pai. Mas quem sabia que conhecimento poderia o seu pai reter sobre a cabeça do presidente da Mandor?

Porque tinha de ser uma tão completa impossibilidade ser educado com eles? Asher não *queria* desrespeitar os pais, mas era como se os dados tivessem sido lançados. Eles nunca lhe perdoariam, e ele iria desiludi-los para sempre.

Iria sempre desempenhar o papel do filho ingrato e insensível.

Quando chegou ao seu apartamento, estava exausto até ao tutano. Ainda não se ajustara ao fuso horário. Mas a intensa fadiga era muito mais do que *jet lag*, reconheceu enquanto se despia por completo e enfiava na cama. Sentia-se esmagado por aquele encontro. Adormeceu num minuto, ansioso pelo vazio entorpecimento da inconsciência.

O seu cérebro, porém, parecia ter outros planos. Porque os sonhos que teve estavam longe de ser desprendidos...

Estava a caminhar ao longo de um familiar trilho na floresta. Mantinha os ouvidos atentos à espera... mas de quê?

Dela.

Ela estava perto. Tão perto. Sempre que se aproximava da lagoa secreta e os minutos passavam lentamente, sentia o corpo contrair-se de expectativa. Era como se a ausência dela, mesmo que apenas por uma noite, o fizesse duvidar do milagre da sua existência, questionar a própria realidade de algo tão espantoso. Ressentia-se de tudo o que a afastasse dele.

As mãos ansiavam por lhe tocar. Ela estava mesmo ao fundo daquela clareira, perto da silenciosa e secreta lagoa que partilhavam. Começou a correr pelo trilho, os músculos a arder, os dentes cerrados com a crescente ereção e desejo.

Depois ouviu-o, o som da voz dela... a sua doce e viciante canção de sereia.

Yesenia? Aquela cantora do clube que o prendera sob o seu feitiço? O que estava ela a fazer ali? Em Crescent Bay?

Depois destes pensamentos confusos, o cenário do seu sonho desvaneceu-se e mudou. Mas o seu alvo, de alguma forma, continuava o mesmo: aquela linda e profunda mulher, aquela criatura fugidia que precisava de tocar. De possuir.

Agora estava a correr por um túnel escuro com portas fechadas à esquerda e à direita, o seu alvo algures à sua frente. Onde estava ela? O mesmo alvo — o mesmo impulso — que experimentara no bosque, sentiu de novo. Mas, desta vez, não lhe ouvia a voz. Apenas um denso silêncio — a insuportável ausência dela — pulsava nos seus ouvidos.

Mas ela estava ali. Sabia-o, por qualquer razão, apesar de não ver nem ouvir a prova da sua presença.

Os seus nervos tiniam de ansiosa excitação. Alguma coisa estava prestes a acontecer. Qualquer coisa explosiva.

Extraordinária.

Ali. Do outro lado daquela porta.

Empurrou a porta entreaberta e entrou na divisão do outro lado. Foi como se uma corrente elétrica o ferisse, parando momentaneamente o bater do seu coração e detendo-lhe o sangue nas veias.

Ela estava parada de costas para ele, ao fundo da sala escura e vazia, a coluna graciosa ligeiramente curvada para a frente, a cabeça baixa numa pose tocante. Não lhe conseguia ver o rosto. O corpo estava envolto num fino véu transparente. Distinguia-lhe as femininas formas nuas por baixo do fino tecido. O nome dela ardia-lhe nos lábios, mas, por alguma razão, não lhe conseguia dar voz.

Aproximou-se dela por trás, agarrando-lhe nas ancas, e a sensação das suas curvas e maciez, do seu corpo voluptuoso, dominou-o. Ela continuava anónima na sua mente, mas Asher nunca conhecera uma mulher mais completamente. Fletiu os joelhos e puxou-lhe o rabo contra o pénis, e, céus, soube-lhe tão bem: redondo e firme. Doce.

A cabeça dela caiu para trás, e o longo e perfumado cabelo escuro era uma decadente e sensual felicidade a espalhar-se contra o seu rosto e lábios. Ela suspirou o nome dele, a voz macia e ressonante a amplificar-lhe o desejo. As mãos dele moveram-se pela sua barriga firme, pelas costelas e os seios cheios e proeminentes. A magnificência da mulher era avassaladora.

Encontrou-lhe a garganta com a boca e puxou-a contra si ritmadamente, absorvendo os seus suaves gemidos. Os seus sentidos abriam-se como milhares de comportas. Os seus lábios percorreram-lhe um ombro gracioso. O fino véu arranhava-lhe a pele sensível, a boca faminta, mas não importava. Por baixo do véu, sentia o calor da mulher, o ágil arco das suas costas e os firmes e macios globos do seu rabo. Ardia por ela, a sensação daquele corpo nu coberto pelo véu a tornar-se dolorosamente erótica. Tinha de se fundir com aquela mulher, saber como era arder dentro dela.

A onda que os envolvia enquanto pulsavam ritmicamente em uníssono cresceu, e o desejo dele tornou-se realidade. A roupa dele, o véu dela, desapareceram, evaporaram-se por pura lascívia. Ele enterrou-se naquela carne apertada e quente — e a sensação era quase torturante, de tão doce. Ela comprimiu-se à sua volta. Ele agarrou-lhe um seio alto e firme e todo o seu mundo pulsou numa névoa vermelha, durante um momento desesperado. Enterrou-se mais fundo, cerrando os dentes numa agonizante felicidade.

— Eu sei o teu nome — silvou-lhe ao ouvido antes de lhe morder o lóbulo delicado e senti-la arrepiar-se maravilhosamente. — E não é Yesenia.

Acordou sobressaltado. Tinha o corpo nu a escorrer de suor. O pénis, enorme e pesado. Durante uns segundos de pânico, não soube onde estava. A roupa de cama luxuosa e em desordem e o quarto na penumbra eram-lhe totalmente desconhecidos, tão diferentes do apartamento onde vivera durante o seu último trabalho no Cairo. O seu sexo palpitava, em agonia. Fechou a mão à sua volta, com uma careta. A sensação trouxe-lhe de volta o sonho. Mesmo antes de compreender completamente onde estava, ela ocupou-lhe o cérebro.

Gemeu, a voz rouca e densa, e começou a masturbar-se vigorosamente. A recordação dela atacara-lhe o cérebro, uma memória proibitivamente doce e insuportável. Porque, com a memória vinha a cruel noção de que os seus braços estavam vazios.

Atingiu o clímax num frenético desespero.

Ficou deitado de lado na cama, ofegante, o grande corpo rígido a libertar a tensão acumulada nos músculos de forma gradual.

O que fora aquilo? Qual a razão daquele sonho? Qual a razão do desespero? Seria alguma espécie de reação bizarra ao regresso a Chicago? Não eram apenas os soldados que tinham dificuldade em se integrar quando regressavam aos Estados Unidos. Era sabido que também os jornalistas o experimentavam.

Ou talvez o seu estranho estado emocional se relacionasse unicamente com o feio encontro naquela esplêndida mesa de sala de jantar.

Com o facto de ter desiludido e magoado os pais ainda mais uma vez. Não. Tinha tudo a ver com *ela*, pura e simplesmente.

Como podia ser?

Eu sei o teu nome.

A pele escorregadia de suor arrepiou-se com a memória evocativa do seu sonho.

Percebeu que estava a olhar fixamente para o relógio na mesa de

cabeceira, mas ainda não conseguira ver as horas. Pestanejou, apoiando-se sobre o cotovelo. O relógio dizia que eram oito e cinco. Nenhuma luz se filtrava em volta das cortinas corridas. Estava escuro lá fora. Estranhamente, dormira oito horas seguidas.

Foi percorrido por uma sensação de urgência. Virou-se e pegou no telemóvel. Tinha combinado encontrar-se com Rudy para o jantar naquela noite. Escreveu uma rápida mensagem, desculpando-se com o *jet lag* que não o fazia sentir muito bem. Podiam antes combinar um almoço no dia seguinte?

Saltou da cama. Até àquele momento, não estivera consciente do que tinha planeado fazer o tempo todo.

Se tomasse um banho rápido e se apressasse, ainda conseguiria chegar a tempo ao espetáculo no State Room.

Não, não acreditava realmente na sua vaga e cada vez mais inquietante desconfiança de que conhecia a cantora. Mas estava tão irrevogavelmente atraído por ela como se, *de facto*, a reconhecesse.

Laila.

O nome proibido percorreu-o, detendo-lhe o movimento dos pulmões.

Só de ouvir a palavra ecoar na sua cabeça sentiu de novo a mesma tensão.

Era sexta-feira, e o clube estava ainda mais apinhado do que estivera na noite anterior. A bonita e elegante empregada na receção tinha acabado de se afastar para acompanhar quatro clientes a uma mesa. Um tipo moreno e com um aspeto sofisticado abordou-o, a sorrir. Asher apertou-lhe a mão e pediu uma mesa na primeira fila. Incluiu duas notas de cem dólares com o aperto de mão. O sorriso do homem alto alargou-se, embora nem por uma vez tivesse olhado a denominação das notas que acabara por enfiar despreocupadamente no bolso. Asher deu por si sentado numa mesa reservada, a pouca distância do palco. Até que ponto ficaria ela disfarçada, daquele ponto de observação? Conseguiria reconhecê-la?

Não há nada para reconhecer.

Estás a perder o juízo. Acreditas honestamente que aquela linda e tímida rapariga faria um espetáculo tão sensual e hipnotizante para uma sala cheia de desconhecidos?

Depois a cortina abriu-se. Profundas e queixosas notas de piano e saxofone encheram o pequeno teatro. A seguir entrou a percussão, e ele viu a

sombra da mulher aparecer como que de uma névoa, as ancas a balouçar ao ritmo da música. Todas as suas rumações e dúvidas dissiparam-se perante o puro fascínio. Ela aproximou-se do véu. Começou a cantar.

A voz pura mas poderosa preencheu todos os espaços vazios dentro dele.

E Asher soube que não importava se se tratava de uma desconhecida ou de uma rapariga que lhe assombrara os sonhos durante anos.

Ele *tinha* de ver o rosto nu da mulher atrás da cortina.

Depois do espetáculo de Yesenia daquela noite, Asher não esperou na viela escura. Em vez disso, colocou-se atrás de uma das largas colunas de cimento com a tinta branca a descascar na vasta rede de metro de Chicago, a contar os segundos pelo martelar da pulsação na garganta.

Embora não se tivesse permitido demorar no assunto, tivera a primeira suspeita logo na noite anterior, enquanto estava naquela viela. A ideia tinha origem nas histórias do avô e na sua visita guiada ao State Theatre quando tinha oito anos. O State estava ligado ao mundo subterrâneo de Chicago, uma rede de túneis, muitos dos quais ainda em uso hoje em dia, que incorporava dezenas de edifícios mais novos e mais antigos, vários níveis de ruas subterrâneas e, claro, as estações de comboio e metro. Muitos deles tinham sido estabelecidos durante a Lei Seca para dar acesso a *speakeasies*² ou para o transporte de álcool ilegal. Ocorrera-lhe, enquanto observava Yesenia a hipnotizar o público tão completamente, que era *assim* que, noite após noite, ela fazia a sua fuga dos ferozes fãs, famintos jornalistas e determinados fotógrafos de entretenimento, como Rudy.

Usava os antigos túneis.

Asher recordava-se, dos tempos com o avô, que uma extensão de túnel seguia desde o State Theatre até uma estrada de entregas subterrânea para alguns dos mais antigos arranha-céus de Chicago. Dizia-se que Al Capone o usara. Atualmente, a extensão de túnel conduzia à Linha Vermelha do metro.

Asher sentia-se ainda mais estúpido do que se sentira na noite anterior, especado na viela. Claramente, Yesenia não queria ser vista. Se era verdade que tinha muitas cicatrizes, não seria aquilo tremendamente intrusivo da sua parte? Não seria cruel? Além disso, ia provavelmente assustá-la, um homem à espreita de uma mulher naquela extensão de túnel mal iluminada e praticamente vazia...

² Estabelecimento ilegal que vendia bebidas alcoólicas. (N. da T.)

Uma mulher que, todas as noites, fazia uma ousada declaração de que não queria ser vista de perto.

Ele sabia que aquele comportamento era excêntrico e obsessivo, mas também sabia uma coisa: não ia descansar enquanto não lhe olhasse diretamente o rosto, enquanto não pudesse silenciar a sua estranha suspeita de que era ela.

Não *podia* ser ela. Ela afastara-se dele há muito tempo porque a família o considerara terrivelmente desadequado. Tudo o que ele representava era uma ameaça e estava em direto contraste com o que tinham sonhado para a sua linda filha. Acreditavam que ele a maculara, que estivera muito perto de desonrar toda a família.

Ele estivera mais do que perto. Os pais dela teriam tido uma apoplexia se alguma vez soubessem o que tinha acontecido entre ele e a sua preciosa filha, no mundo privado que tinham construído juntos.

Mas os pais nunca tinham descoberto esse segredo, felizmente. Asher e ela tinham criado com sucesso o seu próprio mundo — ou assim pensavam — um lugar de mistério e maravilhamento, de intenso desejo e vibrante beleza. Um lugar onde ambos se ajustavam.

Até ela ter feito a sua escolha, esquecido tudo e ido embora, claro. Até ela ter desfeito, um dia, aquele pequeno paraíso privado em estilhaços. Sim, fora o estúpido do primo Eric que começara por os trair; os pais, tios e primo dela furiosos que os tinham separado; e a mãe magoada e envergonhada que solidificara aquela cisão.

Mas, no final, a escolha fora *dela*, não fora? Uma escolha que continuara a fazer durante oito anos.

Laila.

Desta vez, o nome proibido trouxe consigo uma onda de destilada fúria e dor juntamente com o desejo. Não teria imaginado que uma tão grande raiva ainda existia dentro de si.

Mudou a posição dos pés. Apenas o som da água a gotejar ociosamente de um cano de metal e as vozes emudecidas na distante plataforma do comboio lhe entravam nos ouvidos. Ninguém parecia conhecer aquela porção do túnel.

No momento em que estava prestes a desistir da sua irracional — ou antes, absurda — missão de surpreender uma desconhecida insuspeita e extremamente reservada, ouviu-os: passos ligeiros e rápidos a aproximarem-se do local onde se encontrava. Deu a volta à coluna e estacou abruptamente, contendo a respiração.

Uma figura encapuzada caminhava rapidamente na sua direção, e a sua proximidade surpreendeu-o. Continuou escondido, a observar enquanto a figura passava. Apenas as luzes da plataforma ao fundo e uma antiga e suja luz de saída permeava a penumbra. Foram suficientes para ele ver que a pessoa usava calças de sarja largas, sapatilhas de corrida, mochila e uma *sweatshirt* com capuz. A sua forma era ágil e graciosa. Apesar das roupas largas, conseguiu distinguir a curva de umas ancas femininas e a sugestão de um traseiro redondo.

É ela.

Nunca se deu ordem para o fazer, mas, de repente, estava a segui-la. Era evidente que ela não queria ser notada. Tudo na sua postura ligeiramente encurvada, na sua pressa e nas mãos enfiadas nos bolsos indicava inacessibilidade. Mas havia outra coisa, o passo deslizante e o delicado e gracioso arco da sua coluna. Fazia com que qualquer coisa indizível começasse a correr no seu sangue.

O que raio lhe vais dizer? Ela ia assustar-se, abordada ali por um desconhecido.

Porque é que não cortaste essa tua maldita barba?

Com um metro e noventa de altura e oitenta e quatro quilos, era suficientemente intimidante para uma mulher solitária no escuro, mesmo sem pelo facial a acrescentar ao cenário.

De repente, o ritmo da mulher acelerou. Ele acompanhou-o. Tê-lo-ia ouvido atrás de si? O som de um comboio a aproximar-se ao longe atingiu-lhe os ouvidos. Não, ela devia ter ouvido o comboio e estava a apressar-se para o apanhar.

O nome ardia-lhe na língua, mas não conseguiu fazer-se gritá-lo. Fúria e vergonha e incredulidade perante aquele inesperado desejo impediram-no. E se *fosse* ela? E se estivesse *mesmo* coberta de cicatrizes e a última coisa que quisesse era ser vista?

E se nem sequer se lembrasse dele?

As ansiosas perguntas martelavam-lhe a cabeça, fundindo-se com o inevitável trovejar do comboio a aproximar-se. De repente, ela começou a correr. Ele fez o mesmo. Entraram na estação no mesmo momento que o comboio.

— *Espera.* Para.

O comboio travou com um guincho, a barulheira a obliterar o seu chamamento. As portas abriram-se de rompante e ela estava a entrar. Por uma fração de segundo, ele fez uma pausa na sua perseguição, indeciso. Estaria

enganado? Estaria louco, a andar atrás de uma desconhecida por causa de uma vaga desconfiança, um sonho intensamente erótico... uma inesperada e agri-doce memória de uma paixão que teria jurado já ter abandonado há muitos anos?

Uma mão magra agarrou o corrimão de metal mesmo à entrada das portas. Ele sentiu o coração esmagar-se contra o seu peito, em reconhecimento.

— *Laila*.

A cabeça dela virou-se de chofre com o nome.

Asher ficou a olhar um par de olhos verdes e amendoados atónitos. Precipitou-se para a entrada, o choque a vibrar-lhe na carne. As portas do comboio fecharam-se bruscamente entre eles.

— Não — exclamou, furioso. Desesperado. Ela deu um passo em frente, os olhos muito abertos. Por um momento carregado, olharam-se mutuamente através do vidro. Asher absorveu cada pormenor como uma esponja a absorver água. Viu o reconhecimento chocado no rosto dela, o que fez o desespero dobrar dentro de si. Bateu com a palma contra o vidro.

— Laila — repetiu, os dedos em garra a enfiarem-se no selo de borracha entre as duas portas. O comboio começou a andar. Viu a boca dela formar o seu nome. E depois ela estava a afastar-se.

Outra vez.

Correu ao longo da plataforma, a acompanhá-la, sem saber o que raio estava a fazer, frenético por um momento. Sabia apenas que não conseguia desviar o olhar daquele rosto rígido e incrédulo.

O rosto dos seus sonhos. O rosto no centro da angústia de um jovem. O rosto dela. Sem cicatrizes. Inalterado.

Perfeito.

— *Laila*.

O grito misturou-se com o rugido metálico do comboio que saía da estação. Ficou ali parado, a arfar, enquanto o som se desvanecia; o cérebro tentava acompanhar o ritmo do coração, abalado pelo impacto do passado que chocara tão estrondosamente com o presente.

Compreendia a razão por que Laila Berek tinha decidido nunca mais o voltar a ver, nunca se corresponder com ele, negar tudo o que tinha acontecido naquele verão em Crescent Bay, há oito anos? Racionalmente, sim. Com o benefício da maturidade e depois de ter passado muito tempo em vários países árabes, aquela lógica tornara-se mais clara. Ela tinha dezanove anos. Estava na faculdade, sim, mas continuava dependente dos desejos,

expetativas e exigências dos seus pais. Uma rapariga americana de origem marroquina podia parecer-se bastante com qualquer outra típica americana, na maior parte do tempo, mas os laços com a tradição e a família ainda eram fortes.

Aqueles laços de amor e lealdade tinham sido suficientes para ela o deixar, quando tinha dezanove anos e ele vinte e dois, apesar de tudo o que tinham partilhado... apesar de lhe ter dito que o amava e o amaria para sempre.

Asher abanou a cabeça como um cão molhado, tentando diminuir a imensidão do momento. Não estava preparado. Sim, a ideia existira, mas fora vaga, a mais pequena suspeita... demasiado incrível para ser verdade. Claro, ela tinha talento. Nunca houvera qualquer dúvida disso. Mesmo assim, não conseguia acreditar que era mesmo *ela*: ela a olhá-lo através do vidro, *ela* a fazer aquela evocativa e sensual performance no clube...

Tudo atrás de um véu.

Então, pestanejou e estacou, o véu subitamente a adquirir todo um novo significado. A barreira não era para esconder quaisquer cicatrizes. O véu estava ali para proteger uma outra coisa. E fora Laila que o instalara.

Talvez ela não tivesse mudado assim tanto, afinal.

Virou-se e atravessou sozinho a plataforma deserta.

Já não és um miúdo ingénuo e idealista. Há pessoas que não estão, simplesmente, destinadas a ficar juntas. Os vossos mundos são demasiado diferentes.

Não julgava conseguir sobreviver se tivesse de ver Laila fugir-lhe outra vez. Aquela primeira doera mais do que se permitira confessar.

E tudo o que viera *antes* de Laila o deixar? Bem, isso fora algo tão raro e belo que a sua perda o mudara para sempre.